



PALAVRÃO E INTELIGÊNCIA

Hugo Tornelli

Sociólogo e Livre Pensador.

Um dia estava em casa e olhando as notícias no celular me deparei com uma reportagem na qual se tratava a questão da relação entre “palavrão” e “inteligência”, respaldada em “pesquisa científicas”¹. Depois pesquisei no google “palavrão e inteligência” e vi diversas outras reportagens reafirmando tais pesquisas. A ideia básica de tais “pesquisa científicas” é a de que as pessoas que xingam mais constantemente, ou seja, usam mais cotidianamente palavrões, são mais inteligentes. E, ainda, podem ser mais honestas e felizes do que os demais que não usam linguagem chula. Nesse momento, apesar de não ser do meu feitio, quase soltei um palavrão! Será que estou ficando mais inteligente? Ou a ciência está produzindo mais pesquisas inúteis e mal fundamentadas?

O uso de palavrões nunca foi sinal de inteligência e para um pesquisador provar isso ele teria que violentar a realidade. Ora, de vez em quando, qualquer um pode xingar e até cotidianamente é possível usar certas palavras de “baixo calão”, mas isto não quer dizer inteligência, nem falta dela. Na verdade, se existe relação entre uso e abuso de palavrões e inteligência, ela é negativa e não positiva.

“Ora, as reportagens mostram justamente o contrário! Você sabe mais que os psicólogos? Pesquisadores do tema há mais de vinte anos?” Para os crédulos e crentes da pseudociência que hoje domina o mundo, se determinadas “pesquisas científicas” dizem algo, então é verdade, é exato, é inquestionável. “E os fatos? As comprovações? Como você pode ir contra os fatos? As evidências?” Para os empiristas de todo o tipo, basta ter certos dados sobre algo e alguém dizer que se baseou em dados para ser tido como verdade, exato, inquestionável.

¹ <https://www.tnh1.com.br/noticia/nid/pessoas-que-falam-palavrao-sao-mais-felizes-integras-e-tem-qi-mais-alto-dizem-estudos/>



Um livre pensador descontente com a ciência pode possuir uma posição diferente. Não é preciso vinte anos de pesquisa científica, centenas de dados estatísticos, entrevistas, testes, etc., para saber que palavrão nada tem a ver com inteligência. E basta ver as falhas tão perceptíveis de tais pesquisas para se saber disso. A tendência (existem exceções e essas remetem para as diferenças individuais) é que as pessoas que usam e abusam dos palavrões sejam, na verdade, menos inteligentes do que os demais. Claro que “inteligente” e “inteligência”, para começar, são termos questionáveis. Uma pessoa inteligente pode ser aquela que tem muita informação, ou aquela que tem um raciocínio lógico, ou então um alto grau de consciência da realidade, ou mais de uma dessas coisas, talvez as três. Ou “inteligente” pode ser aquele que usa seus recursos intelectuais para “obter vantagem em tudo”, o que é chamado de “esperto”. Ou, segundo as supostas pesquisas científicas, são pessoas com alto QI (quociente de inteligência), ou seja, que foram bem em testes que supostamente medem a inteligência das pessoas. Esse é o primeiro erro da pesquisa. Usar o QI como base para dizer que alguém é mais ou menos “inteligente” é um erro, pois tais testes medem apenas alguns elementos que poderiam ser relacionados com “inteligência” num sentido mais amplo (os três elementos acima delimitados). Já existe uma longa tradição de crítica a tais testes, mas, mesmo se o considerássemos “respeitáveis”, as supostas pesquisas seriam equivocadas.

“E onde estariam os equívocos? E os dados?” Um dos dados mostra que pessoas de vocabulário mais rico também eram mais aptas para usar um maior número de palavrões e eram mais criativas nesse âmbito. “E agora, refuta os dados!” Novamente ocorre a vontade de dizer um palavrão para nomear a pessoa que acredita nisso! Esses dados não querem dizer nada e os pesquisadores que realizaram tal pesquisa devem ser tão estúpidos que é difícil saber como se tornaram psicólogos. Eu não preciso refutar os dados, pois eles estão corretos e são verdadeiros. O problema não está nos dados (geralmente é assim) e sim na interpretação deles. Os dados apontam uma correlação: pessoas com vocabulário mais rico e pessoas que sabem usar maior quantidade de palavrões. Esses “grandes cientistas” concluem, absurdamente, que então quem sabe usar mais palavrões são mais inteligentes, ao invés de concluir o contrário. O que os supostos fatos “mostram” é uma obviedade que não é preciso fazer pesquisa para saber: pessoas de vocabulário mais rico possuem “vocabulário mais rico”! Grande descoberta!



Os indivíduos com vocabulário mais rico (= amplo) o possuem pelo motivo de ler mais, ter acesso a bens culturais, etc. e por isso também sabem de um maior número de palavras. Assim, o Zé da Silva tem QI baixo, e usa um número limitado de palavras. O Dr. Eduardo Fonseca tem QI alto e pode usar (o que não quer dizer que usa, e a pesquisa, outro problema dela, não pesquisou pessoas que usam mais palavras efetivamente na sua vida cotidiana) um maior número de palavras. O Dr. Eduardo Fonseca leu obras nos quais aparecem alguns palavras, assiste filmes e outras coisas na televisão que apresentam outros palavras, assim como os ouve quando tem acesso a outras pessoas, inclusive no dia em que ele quase atropelou o Zé da Silva e este o xingou de “capeta cornudo”.

E tais pesquisas continuam com suas grandes descobertas. Outra descoberta é que as pessoas que usam mais palavras são mais honestas. E os dados? Três pesquisas mostraram que as pessoas que xingavam mais mentiam menos. Bom, além dos dados serem questionáveis (desde as possíveis coincidências, passando pela forma como eles foram adquiridos, até chegar ao questionamento de como se descobriu que eles mentiam menos... ora, eles disseram isso? E se isso for mentira? Se for mentira, então eles talvez mintam mais...), nada provam. Mas façamos de conta que provam alguma coisa. A razão disso pode não ser honestidade e sim que o indivíduo que xinga mais pode ser mais agressivo e evita menos conflitos, enquanto que os menos agressivos e que evitam mais conflitos podem mentir mais visando evitar confrontos. E ainda se pode perguntar, nesse caso, quem é mais inteligente... Inclusive aqui não se trata da relação entre “inteligência” e “honestidade”. Na nossa sociedade, marcada pela hipocrisia, falsidade, domínio absoluto do dinheiro, é mais “inteligente” quem mente ou quem não mente? Assistir ao filme “*O Mentiroso*” é suficiente para que as pessoas “inteligentes” saibam a resposta a essa pergunta.

Nós poderíamos continuar. Outra descoberta é a de que quem xinga mais sente menos dor. Ou tem um alívio ou distração maior? As pessoas que xingam mais são mais felizes. Felizes? Com alto grau de irritabilidade ou com tantos momentos desagradáveis na vida? Esses e outros questionamentos poderiam ser feitos para mostrar que os dados nada dizem, somos nós que dizemos algo por eles, interpretando-os. Nem vale a pena continuar mostrando que as supostas “descobertas”, “pesquisas científicas” e “dados”



nada comprovam. E não é preciso fazer pesquisa para saber disso. O culto dos dados e dos fatos é produto de um empirismo pobre. E se pensarmos inteligência como “esperteza”, as pessoas que usam palavrões cotidianamente só podem ser menos inteligentes, pois desagradam outras pessoas, são consideradas pouco inteligentes, fecham portas para si mesmo, afastam pessoas, etc. Pessoas com alto QI deveriam ser mais espertas e isso é uma contradição.

Enfim, esse é o mundo em que vivemos. Pessoas com altos salários, em grandes universidades, com recursos financeiros, intelectuais, toda uma estrutura para realizar pesquisas e produzem esse tipo de pesquisa (para não usar um palavrão). Na pesquisa científica, os dados são importantes, mas a interpretação deles é mais importante. Coloque as obras completas de Darwin, Marx, Freud para um grupo de chimpanzés e o que acontecerá? Nada. Pelo menos nada que se relacione com o desenvolvimento da consciência. Troque essas obras por anuário estatístico do crescimento populacional dos macacos. O que acontecerá? Nada, novamente. O mundo está aí, só que precisamos interpretá-lo e para fazê-lo precisamos de ferramentas. Se uso uma ferramenta pobre, como o empirismo, a minha interpretação será péssima e equivocada. Se uso o método dialético, aí poderei avançar na compreensão da realidade. Esse é o problema. Temos muita informação na internet e nas instituições de ensino e pesquisa, mas pouca formação, poucas e más ferramentas. E é por causa disso que alguns descobrem que o uso de palavrões significa inteligência e outros acreditam.